

DO MUNDO EXTERIOR PARA O “MUNDO” INTERIOR: A TRAJETÓRIA DE *re* > DE DICTO NA EMERGÊNCIA DE FUNÇÕES GRAMATICAIS

Maria Alice TAVARES (PG-UFSC)*

1. Introdução

Trato aqui de um fenômeno de gramaticalização envolvendo o item lingüístico *ai*, que, a partir de funções dêiticas (como em (1) e (2)), passa a desempenhar um papel mais gramatical como especificador de sintagmas nominais indefinidos (como em (3)). Esse processo parece seguir uma trajetória de mudança em particular, referente à transferência de funções lingüísticas ligadas ao domínio *de re* – “mundo” exterior ao discurso - a funções ligadas ao domínio *de dicto* – “mundo” interior ao discurso.

(1) É melhor deixar um texto *AI* pros alunos xerocar.
(professor da UFSC, maio de 2000)¹

(2) Um segurança *AI* falou pra gente sentar lá na frente.
(novela *Um Anjo Caiu do Céu*, 12/06/2001)

(3) Se ele disse, ele vai pagar. Mas tem um repórter *AI* que disse que ele não dá. (FLP 06, 466)

Na primeira parte deste artigo, resumo alguns aspectos do referencial teórico em que me baseio: estudos de gramaticalização do ponto de vista do Funcionalismo Lingüístico. Depois, descrevo as três funções que constituem etapas do processo de emergência do *ai* como item de especificidade: dêixis 1, dêixis 2 e especificação. Na seqüência, apresento o percurso provavelmente seguido pelo *ai* no decorrer desse processo. Por fim, faço algumas considerações a respeito do status gramatical do *ai* e encerro o artigo destacando sugestões para estudos envolvendo itens de especificidade e a trajetória *de re* > *de dicto*.

* aliceflp@bol.com.br

Os dados utilizados provêm de fontes diversas: entrevistas do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul - Florianópolis), novelas televisivas, conversas espontâneas ouvidas nos corredores da UFSC, além de sentenças criadas por mim, mas possíveis na língua.²

2. Gramaticalização e trajetória de re > de dicto

De acordo com a ótica funcionalista que guia este estudo, a gramática é concebida como emergente, maleável, motivada pela situação comunicativa e pela função cognitiva. Essa visão dinâmica da gramática pressupõe que as línguas sofrem mudanças constantes, condicionadas por pressões de uso e por pressões do próprio sistema gramatical. O processo de gramaticalização é um tipo de mudança lingüística, envolvendo o percurso de regularização gradual em que itens ou construções lexicais, devido a pressões de similaridade entre os contextos comunicativos em que são utilizados, adquirem funções gramaticais e podem, uma vez gramaticalizados, continuar a desenvolver novas funções gramaticais (cf. Campbell e Janda, 2000; Hopper e Traugott, 1993; Traugott e Heine, 1991).

Os diferentes empregos do *aí* analisados aqui são tomados como elos em uma cadeia de gramaticalização, um dando origem ao outro. Tenho a hipótese de que, mesmo na ausência de evidência direta da fonte de um item gramatical, esta pode ser reconstruída através dos usos múltiplos sincrônicos. Retenções de especificidades da fonte são passíveis de serem divisadas em cada um desses usos, servindo como diagnóstico da história do item lingüístico em questão, o que permite reconstruir as etapas de seu percurso de desenvolvimento (Bybee *et alii*, 1994: 18). Adoto, portanto, a perspectiva dos estudos de gramaticalização cuja concepção metodológica é a de que o desenvolvimento histórico e a posição sincrônica de um item em uma cadeia de gramaticalidade geralmente irão coincidir, existindo uma tendência de isomorfismo entre o desenvolvimento histórico e relações sincrônicas entre itens polissêmicos (Tabor e Traugott, 1998: 263).

Como uma das características básicas do processo de gramaticalização é prevista uma trajetória unidirecional de abstração de significados, isto é, conceitos mais concretos derivam

conceitos mais abstratos, e não vice-versa. Há uma relação entre dois estágios A e B de modo que A sempre ocorre antes de B. A passagem entre os estágios A e B não é direta, havendo um estágio intermediário A-B, em que os significados estão sobrepostos e, em decorrência, a interpretação dos mesmos é ambígua³ (Hopper e Traugott, 1993: 95).

A abstração crescente de significados sofrida por um item lingüístico pode estar ligada a uma das principais trajetórias de gramaticalização, bastante freqüente em diversas línguas: o percurso *de re* > *de dicto*. Tal percurso refere-se à transferência do mundo da experiência sensório-motora, dos objetos visíveis e tangíveis, de relações espaço-temporais para o mundo do texto, isto é, do apontamento para o contexto situacional exterior a papéis ligados à organização e relações mais interiores ao dizer. Essa transferência de um "mundo" considerado externo a um "mundo" tido como mais interno ao discurso, ou, empregando os termos de Frajzyngier (1991), de um domínio *de re* a um domínio *de dicto*, permite explicar sincretismos funcionais e dar conta da similaridade de vários morfemas talvez anteriormente entendidos como não relacionados. Seguindo o padrão de mudança típico da gramaticalização, esse processo de transferência tem um componente contínuo e, em consequência, na transição do mundo exterior para o mundo do discurso, há um estágio intermediário de ambigüidade em que o item relevante refere-se simultaneamente a ambos os mundos (Heine *et alii*, 1991).

3. Os elos da cadeia de gramaticalização

Nesta seção, descrevo e exemplifico as três funções do *aí* que, por hipótese, constituem conexões em um percurso de mudança em direção a uma maior gramaticalidade: dêixis 1, dêixis 2 e especificação.

3.1 Dêixis: apontando para o exterior

Conforme Grenoble e Riley (1996), os dêíticos são palavras ou expressões usadas para apontar, no contexto extralingüístico, um indivíduo, objeto ou lugar, e introduzi-lo no discurso. Como um dedo apontando para algo, os dêíticos têm conexão real com o que

significam. O *ai*, como dêitico, é locativo, relacionando a proposição a um espaço exterior ao discurso, isto é, apontando para um lugar do mundo real, externo à fala e, dessa forma, vinculando o que é dito a esse espaço externo. Pertence, pois, ao domínio *de re*, localizando pontos no espaço circundante como próximos ao ouvinte, com valor semelhante a *nesse lugar* (como em (4)). Esse *ai* pode apontar também para as redondezas, para um espaço maior que circunda os falantes, como em (5):

(4) Eu cheguei em casa, eles estavam sentados no muro, né? num muro alto. Eu disse: “Meu filho, [não]- não senta *Aí* que tu não estás com equilíbrio bom.” (FLP 13, L 831)

(5) Outra vez trouxemos *Aí* o pessoal [da]- do Conselho Estadual de Entorpecentes, com vários técnicos. Inclusive trouxemos aqui a professora I., lá da Universidade, e outro pessoal da área social pra participar também. (FLP 21, L 1012)

Existe ainda um outro uso dêitico locativo do *ai*, em que o item aponta também para um indivíduo, indicando ser este um ser que se encontra em lugar próximo ou um dentre outros que se encontram em um lugar próximo ou nas redondezas, como em (6). Denominei esse segundo tipo de *ai* “dêitico 2”,⁴ reservando o rótulo “dêitico 1” para o *ai* exemplificado em (4) e (5).

(6) *Um segurança* *Aí* falou pra gente sentar lá na frente. (novela *Um Anjo Caiu do Céu*, 12/06/2001)

3.2 Especificando SNs indefinidos

Itens especificadores de sintagmas nominais (SNs) indefinidos, como *certo*, *determinado* e *específico*, acrescentam ao SN que modificam o traço [+específico], passando tal SN a referir-se a alguém ou algo que, embora indefinido, é específico (cf. Enç, 1991). Incluo o *ai* no rol de itens de especificidade, pois não é raro encontrarem-se casos em que ele torna um SN indefinido específico.⁵ O *ai* especificador não aponta para algo que se encontra no mundo exterior, mas sim traz informações acerca do referente do SN indefinido ao qual se relaciona e que inclusive não está presente no contexto de fala. Portanto, esse *ai*, diferentemente do que ocorre nos empregos dêiticos, desempenha uma função mais interna ao discurso, sem localizar pontos no espaço circundante.

Vejam-se:⁶

(7) a. A Joana deve vencer *uma atleta Aí* para ser a primeira do *ranking*.

b. A Joana deve vencer *uma atleta* para ser a primeira do *ranking*.

A interpretação da sentença (7a) é de que Joana deve vencer uma atleta específica, embora não nomeada. Já a sentença (7b), em que temos um SN indefinido sem item de especificidade, nada informa acerca da especificidade da atleta, sendo possível a interpretação de que se Joana vencer qualquer atleta, será a primeira do *ranking*. O SN indefinido da sentença (7b) não está marcado positivamente para a especificidade, o que não significa necessariamente que se trata de qualquer atleta, mas sim que nada é informado pelo falante acerca da especificidade do SN indefinido. Não podemos dizer, tendo por base apenas a sentença (7b), se a atleta é específica – se já se sabe de quem se trata ou ao menos se já se tem alguma informação sobre a atleta em questão. Nas sentença com o *aí*, a especificidade está marcada no SN - informa-se que a atleta em questão é específica.⁷

Uma propriedade do *aí* que ilustra seu caráter de item de especificidade é o fato de barrar a leitura genérica de sentenças:

(8) a. *Um gato come peixe.*

b. *Um gato Aí come peixe.*

(8a) pode ter leitura genérica, isto é, *para todo x, x um gato, x (caracteristicamente) come peixe*. Pode também ter leitura específica, isto é, *há um x, x um gato, tal que x come peixe*, o que ocorre, por exemplo, em *Tenho três gatos. Um gato come peixe, os outros dois comem ração*, caso em que o SN *um gato* refere-se a um gato específico. Já (8b) só permite a leitura específica, consequência do traço [+específico] de *aí*, havendo, portanto, apenas um gato em questão.

O uso do *aí* não apenas marca a especificidade de um SN indefinido, mas põe em jogo determinadas implicaturas conversacionais (cf. Grice, 1975; Levinson, 1983). Veja-se a sentença a seguir:

(9) Eu vou assumir *um cargo Aí* também. (funcionário da UFSC para outro funcionário, agosto de 2001)

Em (9), podemos ter a implicatura de que o falante conhece exatamente qual cargo irá assumir, mas por algum motivo referiu-

se a ele através de um SN indefinido e não nominalmente. Contudo, o falante pode não saber exatamente qual é o cargo, sabendo apenas que se trata, por exemplo, de um cargo ligado ao setor administrativo, ou que será uma função mais difícil que a atual. Nesse caso, temos implicaturas referentes não ao conhecimento da identidade do referente do SN – qual o cargo especificamente, mas sim ao conhecimento de uma ou mais características desse referente.

Se o falante sabe mais do que disse, por que não revelou tudo o que sabe? Implicaturas referentes a seus motivos para não esclarecer mais acerca da pessoa ou coisa a que se refere também estão presentes no emprego do *ai* especificador. O falante, ao utilizar o *ai* especificador, geralmente implica que é pouco importante para o ouvinte saber mais sobre o referente do SN ou que ele (falante) não quer ou não pode dizer mais. Observe-se o seguinte exemplo, extraído da fala de um personagem de novela televisiva:

(10) Eu passei por *uns problemas Ai*, mas agora está tudo bem. (novela *Laços de Família*, 02/12/2000)

Fatos acontecidos antes permitem ao espectador saber que o falante tinha a intenção de não revelar nada acerca dos problemas que enfrentara para o ouvinte. Creio que essa intenção motiva o emprego do *ai* no SN indefinido: como o falante não deseja fornecer maiores detalhes acerca daquilo a que se refere, tenta implicar que se trata de algo que não merece maior atenção ou preocupação por parte do interlocutor, ou mesmo de que se trata de um assunto que não lhe diz respeito.⁸

4. Interligando os elos: o percurso de gramaticalização

Nesta seção, discuto o percurso de mudança possivelmente seguido pelo *ai* no decorrer do trajeto que parte do uso como dêitico locativo 1 e chega ao uso como item de especificidade. Considero especialmente propriedades semânticas comuns aos empregos do *ai* tratados aqui (por exemplo, a presença de traços dêíticos, de traços de especificidade, etc) e as relações de abstração entre esses empregos, traçando uma trajetória do mais concreto ao mais abstrato.

Tome-se a sentença (11) a seguir. Trata-se de uma sentença ambígua: podemos ter um *ai* dêitico locativo, que aponta para um ponto no espaço próximo ao ouvinte ou para o espaço circundante

(dêitico 1); ou um dêitico locativo que aponta para um menino e o espaço externo em que este se encontra, sendo a leitura do sintagma nominal *um menino* acompanhado do *ai* correspondente a *um menino que está ai* ou *um menino dentre os que estão ai* (dêitico 2). Pode-se ter ainda um *ai* especificador, que fornece ao SN um traço [+específico], isto é, o SN refere-se a um menino que, embora indefinido, é específico. Neste caso, o menino não está sendo apontado e não está presente no contexto de fala.

(11) Priscila falou com *um menino Ai*.

A possibilidade de ocorrência de ambigüidade entre os empregos do *ai* como dêitico locativo 1, dêitico locativo 2 e especificador de SN indefinido é um indicio da gramaticalização. Esse processo de mudança lingüística é caracterizado pela gradualidade na passagem de um estágio a outro, resultando não raro em sobreposição de significados e, conseqüentemente, ambigüidade entre enunciados.

Dentre as possíveis interpretações da sentença (11), a dêitica 1 é a mais concreta, uma vez que envolve um apontamento para um local externo à fala. No decorrer do percurso rumo à modificação de SN, o *ai* passa a apontar também para o ser referido no SN indefinido, dando origem ao dêitico 2. Por fim, o *ai* adquire a propriedade de indicar que o elemento ao qual modifica é específico. Este *ai* é o mais abstrato dos usos aqui considerados, pois é o que mais distancia-se do "mundo exterior", não apontando para um lugar ou para um lugar e um indivíduo, mas apenas modificando um nome.

O *ai* dêitico 2 possui características que permitem considerá-lo como oriundo do dêitico 1 e constituindo a fonte do especificador. O dêitico 2 mantém a propriedade de apontar para um espaço externo ao discurso, mas passa a apontar também para um indivíduo. Já que se trata de um indivíduo que está sendo apontado ao mesmo tempo em que é situado espacialmente, embora indefinido, é específico. Parece ser possível, então, que o dêitico 2 forneça o traço de especificidade como implicatura. A compatibilidade entre as propriedades do contexto de uso do *ai* dêitico 2 e do contexto de uso de itens de especificidade possivelmente facilita e impulsiona fortemente a mudança.

Saliento, porém, que não é somente o *ai* que sofre mudanças até se tornar um especificador, mas também o nome indefinido, sempre envolvido nessa trajetória.⁹ Na verdade, é difícil distinguir,

na interpretação de uma sentença envolvendo o dêitico 2, o que é acrescentado pelo nome e o que é acrescentado pelo *ai*. Por exemplo, em “Um menino (desses que estão) *AI* me deu a bola para eu tomar conta.”, temos um lugar e um menino sendo apontados, e, pela relação que se faz entre esse lugar e o menino, temos a implicatura de que o SN é específico por fazer referência a um indivíduo que é situado espacialmente. A propriedade de ser indefinido é do nome, a de apontar para um lugar e para um menino é obtida pela junção do nome com o *ai*, mas a leitura de haver um menino indefinido específico situado em dado lugar é extraída da totalidade da construção “um menino *ai*” (e do próprio contexto, em que o ouvinte pode perceber o falante apontando para um lugar e para um menino).

Nesse percurso de mudança, certos significados e implicaturas presentes no contexto vão sendo postos em relevância a despeito de outros e vão se tornando centrais, inclusive substituindo significados outrora mais destacados, como o apontamento para um lugar, substituído pouco a pouco pela indicação de especificidade. Assim, de uma implicatura de especificidade presente nos contextos em que é usado o dêitico 2 surge um significado de especificidade: o *ai* especificador marca a especificidade de um SN indefinido.¹⁰

A trajetória de mudança sob enfoque parece implicar a passagem de um apontamento para um lugar exterior ao discurso levado a cabo pelo *ai* dêitico 1, passando pelo apontamento duplo para um ser e um ponto no espaço circundante feito pelo *ai* dêitico 2, e chegando, por fim, em uma qualificação interna ao discurso - *ai* especificador relaciona-se a um nome, a um item do discurso, fornecendo-lhe o traço [+específico]. Ocorre, portanto, uma mudança do domínio *de re* (mundo exterior) para o domínio *de dicto* (mundo do discurso): o emprego do *ai* como especificador emerge a partir de relações fluidas e contínuas entre significados e implicaturas ligados a ambos os domínios.

Podemos considerar que o *ai* dêitico 2 desempenha seu papel num âmbito intermediário entre os domínios *de re* e *de dicto*. Embora aponte deiticamente – para um lugar e para um indivíduo situado em tal lugar – esse *ai* atua de certa forma como qualificador, uma função interior ao domínio discursivo, pois o lugar apontado pode ser entendido como uma propriedade qualificadora/especificadora do nome. O referente do nome indefinido é apresentado ao interlocutor como ligado a determinado lugar, do que se deriva, por

implicatura, que o SN acompanhado pelo dêitico 2 é indefinido específico. A possibilidade de existência de ambigüidade entre os domínios de referência lingüística *de re* e *de dicto* já foi apontado por Heine *et alii* (1991) como típico do fenômeno de gramaticalização, por conta da continuidade manifestada na transição de uma função a outra, o que permite a existência de usos intermediários entre uma etapa e outra da mudança – no caso analisado aqui, o *ai* relaciona-se simultaneamente a ambos os mundos – *de re* e *de dicto* – como dêitico 2.

5. Uma palavrinha quanto ao status gramatical do *ai*

A qual ou quais categorias gramaticais são pertinentes os diferentes empregos do *ai* abordados aqui? O *ai* como dêitico 1 parece ser puramente um dêitico, como dêitico 2 parece um misto entre dêitico e especificador, e como especificador pode ser enquadrado entre os qualificadores ou mesmo pode ser considerado uma marca gramatical indicando que o SN indefinido é específico. O papel dos dêiticos e dos qualificadores/especificadores nos estudos de gramaticalização não é pacífico. Se considerarmos dêiticos locativos como advérbios (por indicarem espaço) e especificadores como adjetivos (por qualificarem um nome, adicionando a ele o traço [+específico]), estamos lidando com duas categorias intermediárias entre o léxico e a gramática.¹¹ Sendo ambas categorias medianas, teria havido gramaticalização, isto é, uma passagem de um nível menos gramatical para um mais gramatical?

Entretanto, o uso especificador do *ai* é mais gramatical que seus usos dêiticos, por estar o *ai* especificador relacionado fortemente ao nome por ele modificado e por ter perdido a propriedade dêitica de relacionar as circunstâncias externas à fala ao mundo discursivo. Parece inclusive ser uma marca morfológica de especificidade. Nessa linha, Braga (2001) considera esse tipo de *ai* como um clítico que se liga ao nome. Acredito que tratar o *ai* especificador como clítico permite manter o requisito de unidirecionalidade do processo de mudança por gramaticalização: a categoria fonte é a dêitica e a categoria alvo uma marca morfológica, havendo, portanto, um percurso de uma categoria menos gramatical a uma categoria mais gramatical. Por conseguinte, o processo de mudança delineado acima parece ser realmente um caso de gramaticalização.

6. Finalizando...

Baseada em propriedades semânticas ligadas a três empregos diferentes do item lingüístico *aí*, tentei reconstituir o percurso de gramaticalização provavelmente seguido por ele, cujo resultado é sua utilização como especificador de SNs indefinidos. Uma trajetória de mudança em especial parece estar relacionada ao desenvolvimento do *aí* como especificador, referente à migração do item de uma função ligada ao domínio *de re*, em que aponta para um lugar do mundo exterior à fala, para uma função ligada ao domínio *de dicto*, em que especifica um nome indefinido.

Cumprir lembrar que é importante testar a trajetória de mudança proposta aqui também através de dados diacrônicos. Uma análise envolvendo dados de diferentes épocas proporcionará resultados e conclusões mais refinados acerca do percurso de gramaticalização rumo à especificação de SNs indefinidos percorrido pelo *aí*. Se tanto os indícios sincrônicos quanto os diacrônicos apontarem para as mesmas ou semelhantes etapas de gramaticalização, teremos evidências mais substanciais acerca dos estágios das mudanças pelas quais vem passando essa unidade ao longo do tempo.

No que tange ao emprego de outros itens de origem dêitica como especificadores de SNs, seria interessante averiguar se *aqui*, *ali* e *lá* também aparecem nessa função na língua portuguesa. Em caso afirmativo, poderiam ser investigadas as semelhanças e diferenças entre os vários dêiticos empregados como especificadores. Estaria um deles mais gramaticalizado em tal função relativamente aos demais? Como a passagem entre os domínios *de re* > *de dicto* ocorreria em cada caso?

Acredito haver, na língua portuguesa, diversos fenômenos relacionados à transição do domínio *de re* ao domínio *de dicto*, os quais podem constituir objeto de pesquisa. O próprio *aí* parece sofrer outro percurso de mudança que também envolve a transição em questão, qual seja o percurso que vai de usos dêiticos a anafóricos discursivos e destes a usos conectivos (cf. Tavares, 1999). Enfim, há muito ainda a ser feito em terreno tão pouco explorado.

Referências Bibliográficas

- BRAGA, Maria Luísa. *Aí e então* e a hipótese de trajetória universal. *Série Encontros*, UNESP, Araraquara. 2002. (a sair)
- BYBEE, Joan *et alii*. *The evolution of grammar*. Chicago: The University of Chicago Press. 1994.
- CAMPBELL, Lyle e JANDA, Richard. Introduction: conceptions of grammaticalization and their problems. *Language Sciences*, vol. 23, Issues 2-3. pp. 265-340. 2000.
- ENÇ, Mürvet. The semantics of specificity. *Linguistic Inquiry*. Vol. 22, Massachusetts, n. 1. p. 1-25, 1991.
- FRAJZYNGIER, Zygmunt. The *de dicto* domain in the language. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd. *Approaches to grammaticalization*. Vol. 1. Philadelphia: John Benjamins. p. 219-252. 1991.
- GIANNINI, Stefania. Discourse and pragmatic conditions of grammaticalization. Spatial deixis and locative configurations in the personal pronoun system of some Italian dialectal areas. In: RAMAT, Anna Giacalone e HOPPER, Paul. *The limits of grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. p. 129-145. 1998.
- GRENOBLE, Lenore e RILEY, Matthew. The role of deictics in discourse coherence: French *voici/voilà* and Russian *vot/von*. *Journal of Pragmatics* 25. 1996. p. 819-838.
- GRICE, Herbert Paul. Logic and Conversation. In: COLE, P. e MORGAN, J. L. (eds.) *Syntax and Semantics 3: Speech Acts*. New York: Academic Press. 1975.
- HEINE, Bernd *et alii*. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press. 1991.
- HOPPER, Paul e TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press. 1993.
- LEVINSON, Stephen C. Conversational implicature. In: *Pragmat-*
WORKING PAPERS EM LINGÜÍSTICA, UFSC, n.5, 2001

ics. Cambridge: Cambridge University Press. p. 97-166. 1983.

TABOR, Whitney e TRAUGOTT, Elizabeth. Structural scope expansion and grammaticalization. In: RAMAT, Anna Giacalone e HOPPER, Paul. *The limits of grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. p. 229-288. 1998.

TAVARES, Maria Alice. Um especificador *aí*. *D.E.L.T.A.*, Vol. 17, São Paulo, n. 2. p. 209-235. 2001.

TAVARES, Maria Alice. *Uma mudança *aí*: gramaticalização do *aí* como especificador de SNs indefinidos*. UFSC, Florianópolis, mimeo. 2000.

TAVARES, Maria Alice. *Um estudo variacionista de *aí*, *daí*, *então* e *e* como conectores seqüenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis*. Dissertação de mestrado. Florianópolis, mimeo, 1999.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd. *Approaches to grammaticalization*. Vol. 1. Philadelphia: John Benjamins. 1991.

Notas

¹ A fonte de cada exemplo é mencionada entre parênteses. Ela pode ser uma conversa ouvida pela autora, como em (1); uma novela televisiva, como em (2); ou uma entrevista pertencente ao banco de Dados do Projeto VARSUL/UFSC, como em (3). Nesse caso, o código que segue o trecho extraído de uma entrevista a identifica. Por exemplo, (FLP 06, L 466) = informante de Florianópolis, entrevista número 06, linha 466. Quando o exemplo foi criado pela autora, nenhuma identificação o segue.

² Testei as sentenças criadas por mim com alunos e professores de graduação e pós-graduação e com alunos de segundo grau da rede pública estadual.

³ Paralela à mudança semântica está a mudança sintática. Por exemplo, ao avançar em seu processo de gramaticalização, um item tende a ter restringido seu leque de posições possíveis em uma sentença, tornando-se mais fixo e mais sujeito a regras gramaticais. Todavia, neste artigo, abordo apenas o aspecto semântico das alterações sofridas pelo *aí* ao longo de seu desenvolvimento como especificador. Uma análise detalhada acerca das alterações sintáticas concomitantes, que evidenciam um percurso de entrada gradual do *aí* no SN indefinido, pode ser conferida em Tavares (2000).

⁴ O ator, ao proferir a sentença (6), apontou com a cabeça para uma direção, talvez o lugar onde estava o segurança ou um grupo de seguranças, o que ressalta a idéia de “deiticidade” ligada ao dêitico 2: ele aponta para um indivíduo e para um lugar

ao mesmo tempo.

⁵ O *ai* fornece um traço de especificidade ao SN indefinido que modifica de modo semelhante ao que faz o item de especificidade *certo*, por exemplo em “A Joana deve vencer *uma CERTA atleta* se quiser ser a primeira do *ranking*.” Em um trabalho anterior, comparei SNs indefinidos com *ai*, SNs indefinidos com *certo* e SNs indefinidos desacompanhados de itens de especificidade (cf. Tavares, 2001). No entanto, tomaria muito espaço apresentar aqui tal comparação. Além disso, o percurso de gramaticalização que ora me interessa é o de *ai* especificador e não o de *certo*.

⁶ Dada a possibilidade de haver duas ou mais leituras para um mesmo *ai* (cf. exemplo (11) da seção 3), ressalto que nesta subseção é considerada, para cada sentença, apenas a leitura especificadora.

⁷ É importante mencionar que o *ai* que segue um SN definido é um dêitico 1 ou um dêitico 2, mas não um especificador. Por exemplo, em “A Joana deve vencer *a atleta Ai* se quiser ser a primeira do *ranking*.”, o *ai* aponta para um lugar identificável no contexto de fala (“nesse lugar”), ou aponta para uma atleta presente no contexto de fala e, ao mesmo tempo, para o lugar em que está a atleta. Dessarte, o *ai* pode ser especificador apenas quando relacionado a um SN indefinido.

⁸ Talvez o fato de o *ai* tender a referir-se a algo específico cuja identidade não vem ao caso favoreça a presença de valoração negativa. Por exemplo, em “Simone contratou um *pedreiro Ai* para construir o muro e só teve dor de cabeça”, podemos ter somada à leitura de que se trata de um pedreiro específico a de que se trata de um pedreiro *qualquer*. Entendo aqui *qualquer* não no sentido de qualquer pedreiro do mundo (neste caso, o SN seria não-específico), mas um pedreiro específico que é incompetente, ruim. A respeito, observe-se a diferença entre “Qualquer homem gosta de beber” *versus* “Um homem qualquer gosta de beber” No primeiro caso, *qualquer* quantifica *homem*, no segundo, *qualquer* modifica *homem*.

⁹ Pode-se pensar também em uma trajetória de mudança envolvendo o SN indefinido que, de independente do locativo quando este é dêitico 1, passa a relacionar-se mais fortemente a ele no uso dêitico 2. Tratar-se-ia de um caso de localização/espacialização da pessoa ou do objeto, nos moldes propostos por Giannini (1998) para o uso vinculado de pronomes pessoais e dêiticos locativos em certos dialetos italianos. As informações sobre *quem* ou *o quê* seriam associadas a informações sobre *onde* em uma mesma construção dêitica, com a união de duas categorias – pessoa ou objeto e espaço – em uma só unidade lingüística. Tal proposta necessita de maiores averiguações.

¹⁰ Um mecanismo de mudança em especial está envolvido na trajetória do *ai* rumo à especificação de SNs indefinidos, a convencionalização de implicaturas conversacionais. Contudo, não me detenho nessa questão aqui. Uma discussão mais aprofundada acerca dos mecanismos que parecem atuar no fenômeno sob análise – convencionalização de implicaturas conversacionais, metáfora, reanálise e analogia – pode ser conferida em Tavares (2000).

¹¹ Hopper e Traugott (1993: 104) dividem as palavras em três categorias: “Categoria maior [Nome, Verbo, Pronome] > Categoria mediana [Adjetivo, Advérbio] > Categoria menor [Preposição, Conjunção]”. Quanto “maior” a categoria em que um item lingüístico se encaixa, mais lexical é o item e, em oposição, quanto “menor” a categoria, mais gramatical é o item.